ATUAÇÃO DE DOCENTES DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFICULDADES, PRECONCEITOS E SUPERAÇÃO

https://doi.org/10.47247/2316.4484/11.1.2

MALE TEACHERS' PERFORMANCE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: DIFFICULTIES, PREJUDICES AND OVERCOMING

Allana Barros de Oliveira Egydio[1]
Leonardo Felipe Gonçalves Duarte[2]
Josiane Peres Gonçalves[3]
Ida Carneiro Martins[4]

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as dificuldades enfrentadas, os avanços e retrocessos na atuação de docentes do gênero masculino dentro da educação infantil, um lugar predominante de professoras mulheres e ainda pouco ocupado por professores homens. Para tanto, aplica-se uma pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa. Foi feita uma entrevista com quatro professores homens que atuam na educação infantil. A análise de dados empregada foi a análise interpretativa. Os resultados do estudo apontam que a maternagem é algo que está associado ao berçário e quando se trata do cuidado de crianças bem pequenas os professores homens enfrentam grandes desafios com relação a sua inserção e atuação na educação infantil.

Palavras-chave: Docência Masculina. Educação Infantil. Preconceito.

ABSTRACT

This article aims to analyze the difficulties faced, the advances and setbacks in the performance of male teachers within early childhood education, a predominantly female teacher position and still little occupied by male teachers. To this end, descriptive research with a qualitative approach was applied. An interview was carried out with four male teachers who work in early childhood education. The data analysis used was interpretative analysis. The results of the study indicate that motherhood is something that is associated with the nursery and when it comes to caring for very young children, male teachers face major challenges in relation to their insertion and performance in early childhood education.

Keywords: Male Teaching. Child education. Prejudice.

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí (CPNV). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Naviraí-MS.
2 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAED/UFMS). Professor na Secretária Estadual de Educação de São Paulo (SEE-SP). Praia Grande-SP.
3 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora dos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Docente do curso de Pedagogia do Campus de Naviraí (CPNV/UFMS). Naviraí-MS.
4 Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores educacionais da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). São Paulo-SP.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho[5], analisa as dificuldades enfrentadas, os avanços e retrocessos na atuação de docentes do gênero masculino em instituições de educação infantil, um lugar predominante de professoras mulheres e ainda pouco ocupado por professores homens.

Abordando historicamente a segregação ocupacional é uma das causas mais antigas da divisão socioeconômica no mercado de trabalho, na qual certas ocupações são dominadas por homens ou mulheres. Por exemplo, carreiras nas áreas de engenharia, tecnologia e ciência são frequentemente ocupadas por homens, enquanto áreas como enfermagem, educação e serviços sociais são tipicamente dominadas por mulheres. (Silveira; Siqueira, 2021). Scott (1998), aponta que a desigualdade entre o homem e a mulher não se constrói apenas biologicamente, mas sim socialmente, visto que:

> Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998, p. 15).

Torna-se evidente que a terminologia sexo se refere às diferenças biológicas de homens e mulheres, enquanto o termo gênero é resultado de um construto histórico e social e diz respeito à forma como, ao longo do tempo, os grupos sociais foram criaram e efetivaram os padrões de comportamentos para ambos os sexos. Nesse viés, Oliveira e Finco (2020, p. 583) enfatizam a perspectiva relacional na compreensão do termo gênero, por se tratar de uma "categoria de análise histórica que nos permite perceber as relações sociais que estabelecem saberes para a diferença sexual, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social a partir delas" (OLIVEIRA; FINCO, 2020, p. 583).

Diante do que foi debatido anteriormente, por meio da divisão sexual do trabalho, o cuidado com o lar e a educação dos filhos tronou-se uma atividade considerada socialmente como própria da mulher e ao homem foi dada a atividade de provedor da família. Sendo assim, as diferenças entre homens e mulheres não ficam explicitas apenas no físico, mas também no social e nas questões que envolvem o trabalho.

No Brasil a educação infantil chegou de forma assistencialista, para as mulheres que tinham a necessidade de trabalhar e não tinham onde deixar as crianças, o intuito dessas instituições era o cuidado infantil mantendo a higiene e a alimentação da criança, sem nenhum parâmetro pedagógico. Didonet (2001) ressalta que para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche era em tempo integral, para os filhos de operárias de baixa renda, zelava pela saúde e ensinava hábitos de higiene e alimentação.

Por meio, da Constituição Federal de 1988 e da criação do ECA em 1990 as crianças passam a ganhar maior destaque com relação ao seu processo educacional, ganham o status de cidadãos, podendo usufruir de direitos e deveres como qualquer outro adulto. Por meio dessas mudanças legislativas no Brasil, que passaram a reconhecer que a criança é um sujeito de inúmeros direitos, incluindo o direito à educação pública gratuita e de qualidade desde o seu nascimento (Santos; Buss-Simão; Ramos, 2022).

Historicamente, a mulher foi vista como um ser reprodutor e o homem um ser produtivo, o que corrobora com a função feminina na educação infantil pois um dos seus segmentos é o maternal, cujo nome se relaciona com a maternagem apontando o magistério um ambiente majoritariamente feminino, essa ideia de que as mulheres por ter a escolha de ser mãe tem consequentemente o preparo e o domínio de trabalhar com as crianças nesse período concepção que foi construída pela própria sociedade em décadas anteriores. Para a construção de um ambiente profissional neutro, na perspectiva do gênero, no trabalho com as crianças, será então necessário redefini-la e distingui-la da visão de substituição materna (Cameron; Moss; Owen, 1999).

Atualmente, compreendemos que "Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades" visando a construção do vínculo entre o cuidado do docente, a criança e trabalho pedagógico dentro das instituições, independente do gênero do docente (Brasil, 1998).

Por conseguinte, reconhece-se a escola como espaço de não neutralidade na construção das relações de gênero e das identidades infantis, tendo em vista que é nesse universo onde as crianças constituem muitos dos seus primeiros

5 Este trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) a quem agradecemos o apoio.

relacionamentos entre pessoas (Alcântara; Dias; Givini, 2019). Para Rosemberg (2002), a feminização da educação infantil, entendido como predomínio de mulheres atuando como docentes nessa área, retira da criança a oportunidade de conviver com referenciais adulto do sexo masculino.

Há uma quantidade demasiada de docentes mulheres na educação infantil e, na verdade, o docente homem estar presente nesse ambiente não deveria causar desconforto ou estranheza, pois, para a criança, o contato com professores dos dois gêneros auxilia o seu processo de desenvolvimento. Para Silva e Luz (2010), o longo tempo de convivência das crianças com os professores da educação infantil torna essa experiência um lugar importante nos processos de identidade de meninos e das meninas.

Além disso, o contato da criança com docentes do gênero masculino contribui para desconstruir o estereótipo de que a mulher é a principal responsável pela educação e cuidado de crianças pequenas, como salientam Vasconcelos et al. (2022):

> [...] em dados divulgados pelo Jornal Oficial da União Europeia em junho de 2011, o Conselho da União Europeia cita como uma necessidade para melhorar a qualidade da Educação Infantil o aumento do número de educadores homens nesses espaços, a fim de que as crianças tenham a oportunidade de experienciar formas de cuidado e educação menos estereotipadas, o que lhes propiciaria, desde a mais tenra idade, uma visão mais ampla a respeito dessa questão (Vasconcelos et al., 2022, p. 11).

A atuação dos docentes homens rompe com preconceito e estereótipos que a sociedade coloca sobre a relação do homem com a criança, como afirma Simone de Beauvoir “A mulher não nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980 p. 6). E o homem, ao longo de suas relações sociais e culturais, se torna um indivíduo, com características, preferências e formas de expressão singulares, podendo conceder ou não com os padrões de masculinidade prevalecentes em seu meio.

Será possível observar que a presença de homens nessa área gera questionamentos e assombro a comunidade e como os docentes que escolhem esse caminho profissional encara os desafios que estão além das salas de educação infantil, quebrando os estereótipos do magistério feminizado atualmente.

Metodologia

Este estudo se conduz por uma abordagem qualitativa, visto que, esse modelo de pesquisa ocupa um importante lugar entre as várias possibilidades de se estudar tudo o que envolve os seres humanos e suas arrevesadas relações sociais, encontradas em diversos ambientes (Godoy, 1995).

Gatti (2021) complementa o debate acerca da pesquisa em educação voltada para a docência, pois para ela a maior parte destas investidas acontecem por meio da abordagem qualitativa e com o uso de entrevistas:

> [...] para ampliar e diversificar os conhecimentos na área da educação, e, completo, consequentemente para os conhecimentos voltados à docência. Na maioria das vezes, com foco mais delimitado, esses métodos permitem aproximação mais profunda em relação às formações, aos processos culturais, aos de aprendizagens, adentrando em questões do cotidiano escolar, explorando situações diversas (Gatti, 2021, p.51).

Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa está ligada a uma abordagem interpretativa e que dá significado ao mundo, seus pesquisadores estudam as coisas com olhares reais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles dão.

Os dados utilizados no presente trabalho são decorrentes da coleta de dados de uma dissertação de mestrado de um dos autores, defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Cidade de São Paulo.

Nesta investida os dados utilizados são inéditos e foram entrevistados 4 professores que atuam na creche. No caso desta investigação foram utilizados os depoimentos de apenas três dos entrevistados, pois com relação a pergunta feita a eles o 4 dos entrevistados preferiu não responder.

Quadro 1 - Participantes da pesquisa

Nome	Tempo de Docência na EI	Atuação Profissional	Formação Acadêmica
Antonio	7 anos	Professor	Contabilidade e Pedagogia
Bruno	4 anos	Professor	Sociologia e Pedagogia
Caio	10 anos	Professor	Tecnologia e Pedagogia

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Os dados coletados foram feitos por meio de entrevistas que seguiram um roteiro semiestruturado. As entrevistas foram realizadas remotamente por meio da plataforma *Google Meet* e gravadas com prévia autorização dos participantes. Todas as entrevistas foram coletadas no mês de outubro de 2022. Os nomes utilizados são fictícios e escolhidos com a intenção de garantir o sigilo dos entrevistados.

O trabalho contou com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) sob o parecer nº 5.719.267. Antecipadamente às entrevistas foi enviado aos participantes o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) com todas as informações das entrevistas, que só foram realizadas após a devolução do documento assinado pelo participante.

As entrevistas foram discutidas por meio da análise interpretativa e consistiu em interrelacionar os dados obtidos com os princípios teóricos advindos da literatura estudada (Minayo, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os participantes da pesquisa foram indagados sobre o cotidiano nas instituições, os preconceitos enfrentados e a superação por meio da atuação profissional e as experiências com a docência, sendo eles, todos docentes homens exercendo sua profissão na educação infantil com crianças de 0 a 3 anos de idade, prática que ainda gera questionamentos e dúvidas entre a população e a escola.

Os depoimentos colhidos foram semelhantes com relação a a sua constituição enquanto docentes. Os entrevistados destacam a existência de um impasse criado pela sociedade entre a atuação do gênero masculino nas instituições de educação infantil. Saffioti (1987) menciona um aspecto fundamental para apresentar acerca do preconceito e sua expressão na sociedade:

> Se o preconceito não é inato, a criança pode, de fato, perceber que o outro é diferente dela, sem que isto impeça o seu relacionamento com ele. Contudo, esta percepção é dificultada, pois é sob a forma de ameaça que o preconceito é introjetado. Ou seja, incorporamos os objetos, aos quais devemos reagir preconceituosamente, através de nossas reações com pessoas das quais dependemos, e os incorporamos por medo do que aconteceria, caso assim não o fizéssemos (Saffioti, 1987, p. 15).

Há indícios no depoimento do professor Bruno que ele sentia medo de sofrer alguma forma de preconceito, por ser docente do gênero masculino na educação infantil, no início da profissão.

> [...] pensava em muitos momentos como seria o olhar das famílias por ter um homem... é... no universo majoritariamente feminino. E essa expectativa e esses pensamentos eles foram me acompanhando todo começo de ano... de como seria o olhar das famílias...é... com as minhas propostas e com a minha chegada ali (Professor Bruno).

O preconceito adentra à sala de aula pela concepção da família, o que pode resultar na constituição de uma barreira de comunicação entre os dois lados da relação. A criança não faz parte desse processo, mas acaba se apropriando do pensamento da família, A isenção da criança sobre esses pensamentos, faz com que construam um olhar preconceituoso à medida que se desenvolve. O professor Antonio comenta sobre a rejeição dos pais e sobre o bom vínculo que as crianças de educação infantil têm em relação a ele:

> [...] as crianças apontam que às vezes não sabem o meu nome, mas sabem que eu sou um professor. As crianças nunca me confundiram com um outro funcionário, os pais sim, as crianças não (Professor Antonio).

Do mesmo modo, o professor Caio destaca essa objeção inicial. o que é apontado em sua fala sobre a barreira do preconceito entre a família e o docente homem, dessa forma, ele acredita que o rompimento de opiniões anteci-

padas seja mais fácil:

> Já cheguei com discurso pronto quando os pais chegam na sala de aula, olá bom dia pai, boa tarde pai, é... mãe meu nome é... sou formado em pedagogia, sou casado, tenho esposa, tenho filho e garanto pra senhora que vou cuidar com todo zelo do seu filho... vou cuidar com todo carinho... tenho duas auxiliares em sala de aula que vão me apoiar em tudo que foi preciso até a direção, coordenação qualquer dúvida ou desconforto que tiver você pode entrar em contato com o pessoal da escola ou falar comigo (Professor Caio).

É importe ver na fala do professor Caio uma incompreensão que na educação infantil o binômio cuidar e educar andam juntos. Duarte et al (2022) salienta que por mais que a educação infantil tenha perdido seu caráter assistencialista, a ideia do cuidado desassociado a educação ainda é um aspecto presente. Kramer (2005) considera que a origem dessa separação entre o cuidar e o educar está ligado a visões culturais envolvendo questões de gênero, já que a frequência da mulher é um traço representativo das creches e pré-escolas. Para Santos, Buss-Simão e Ramos (2022, p. 54), "[...] a expansão da rede pública de creches e pré-escolas em nosso país – instituições, hoje, articuladas em torno de uma proposta pedagógica motivada pela indissociabilidade das experiências de cuidado e educação" está relacionada com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho.

Sobre o cuidar e educar na educação infantil, Gonçalves, Ferreira e Capristo (2018) asseveram que é preciso atender as crianças na sua integralidade, mediante o cuidado e o atendimento de suas necessidades básicas, ao mesmo tempo em que estão sendo educadas ou estimuladas em seu processo de desenvolvimento.

Nas instituições de educação infantil pesquisadas, a autoras mencionadas perceberam que se os profissionais da educação são do gênero feminino, as mulheres professoras assumem a dupla função de cuidar e educar, mas se são homens, eles assumem a responsabilidade somente de educar, deixando para uma auxiliar assumir as atividades que demandam cuidados infantis.

Com isso, os homens professores de educação infantil não participam de todo o processo educativo, deixando de assumir funções que são inerentes ao educador que atua na primeira etapa da educação básica.

O professor Bruno relata suas experiências com as questões de cuidado e a maneira como as famílias compreendem sua atuação com as crianças. É importante perceber em sua fala a maneira como a mãe se sente insegura em deixar a criança com o professor, mesmo sabendo que ele seria capacitado para estar ali atuando na docência prefere deixar o pequeno com uma professora mulher, pois o depoimento dá indícios que a mãe considera o professor homem incapacitado para tal atribuição.

> Aconteceram algumas coisas nesse caminhar né? Teve uma situação em que uma mãe falou assim: "olha, eu não vou te entregar o meu filho agora, eu vou deixá-lo com uma outra professora, aí quando ele se acalmar você pega". Então, são esses detalhes que eu fui percebendo, porque ela está falando isso para mim que eu sou homem, se fosse uma professora ela não falaria isso... (Professor Bruno).

Já o professor Antonio ao relatar seu depoimento aponta que ele busca sempre acolher as crianças e sua relação com o cuidar e o educar é concretizada por meio de ações que se voltem a demonstração de carinho e a ações firmes, sempre buscando o equilíbrio, mas mantendo a ética da profissão.

> É na educação infantil, a gente precisa acolher a criança... precisa... é... ao mesmo tempo ser firme, mas ser carinhoso... e esse carinho tem que ser um carinho equilibrado, para não ser mal interpretado... porque esse é um grande ponto que as vezes até nos como profissionais precisamos ter, esse distanciamento, essa ética para não correr o risco de... de ser mal interpretado. (Professor Antonio).

Zanette e Dal'Igna (2018) evidenciam que a forma pela qual o professor se comporta, seus movimentos corporais, colocam sob presunção o seu profissionalismo. Deste modo, Caio aponta que é necessário atuar na educação infantil de maneira ética independente do gênero, pois tem

> [...] essa questão do pudor da criança que é o foco... as pessoas cuidam muito se um homem tocar no meu bebê, ainda mais na menina, no bebê que é menina... então tem toda uma ética pra você trabalhar na educação infantil (Professor Caio).

No âmbito educacional, a ética do professor é um item essencial para o desenvolvimento das atividades docentes, tanto do gênero feminino, quanto masculino, uma vez que:

> A ética tradicionalmente entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até tecnológica, sobre costumes ou sobre ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento (Valls, 1992, p. 7).

Calile (2019, p. 29) afirma que "[...] as escolas mantêm representações sociais de gênero e sexualidade que se alinham à ideologia patriarcal contemporânea e ao modelo hegemônico heteronormativo". O professor Antonio aponta que ele só superou esse prejulgamento da sua atuação com os alunos da educação infantil com a sua vivência na instituição:

> Acho que vem muito de uma insegurança de você estar em um lugar que não... teoricamente foi feito para você... A prática me ajudou a superar meu medo... pois hoje eu tenho a segurança do que eu estou fazendo (Professor Antonio)

É possível notar que, por mais que um docente do gênero masculino de educação infantil tenha um bom currículo, ou características como competência, atitudes coerentes e perfil para o trabalho, o que se destaca é o seu gênero e sexualidade e não mais a formação e atributos necessários para a atuação nesta primeira etapa básica (Machado; Gonçalves 2022).

Refletir sobre as imposições e expectativas impostas aos homens e às mulheres na docência da educação infantil, é preciso considerar as questões de gênero como elemento constitutivo de relações sociais de poder, a partir das diferenças entre o feminino e o masculino (Prado, Anselmo e Fernandes, 2020).

O professor Caio ressalta que o bloqueio criado inicialmente foi se desfazendo com a convivência e a consolidação de sua prática como professor:

> [...] com pouco tempo que eu estava aqui atuando já tinha bastante amigos. Já fiz amizade com alguns pais, comecei a jogar bola nos horários que dava e fomos nos enturmando né (Professor Caio).

Dessa maneira, é possível perceber que a criação de laços entre a família e o professor, foi por meio da atuação dele e as suas práticas dentro da instituição, deixando de lado a questão do gênero como o Professor Bruno relata:

> Um bebê que que chorava bastante para entrar e aí ele foi se acostumando comigo né? [...] foi todo uma relação que eu fui construindo com ele com a família, com a avó e a mãe que eram as principais pessoas que traziam [...] como eles eram bebê que andava vimos a importância dele vir caminhando... dele não vir no colo... delas conversar dizerem que ele iria ficar na creche... que ele ia se divertir... e elas falarem muitas vezes meu nome para ele... de dizer o que ele ia fazer ali para tranquilizar um pouco mais... e toda essa relação foi bem importante, mas até essa família... se vincular e criar uma... relação mais afetiva, foi um processo... (Professor Bruno).

Infere-se que no primeiro momento houve um conflito em relação ao gênero dos docentes por ser algo diferente do habitual como salienta Moscovici (2010, p. 56): "E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que não é 'exatamente' como deveria ser, nós instintivamente o rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida".

Duarte, Duarte e Martins (2023) dizem que em um ambiente caracterizado majoritariamente feminino a criação de laços afetivos entre a família e o docente homem, só pode acontecer mediante o rompimento da visão de que esse sujeito não pode atuar no trato de crianças. O depoimento do professor aponta que a criação de vínculo entre ele a criança e a família não foi fácil, mas que tais ações foram se consolidando com o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisa as dificuldades enfrentadas e os retrocessos na atuação de docentes do gênero masculino em instituições de educação infantil, um lugar predominante de professoras mulheres e ainda pouco ocupado por professores homens.

Os resultados da análise teórica apontam que a desassociação da maternagem em relação ao berçário, ainda é colocado em pauta, pois, essa relação é constituída pela sociedade por meio do ato de cuidar, mas vimos que no presente estudo a educação infantil é fundamentada na relação entre o cuidar e o educar, que os dois precisam estar difundidos para que o desenvolvimento de um bebê aconteça de maneira adequada.

Portanto, perante esses aspectos os depoimentos dos docentes lançam mão da ideia de que é necessário compreender que a formação do professor, independente do seu gênero, é de suma importância, pois, ela é um dos fatores essenciais para que a sociedade possa cada dia mais entender o valor do professor do sexo masculino dentro de EI, em prol do desenvolvimento das crianças na fase inicial da vida.

Cabe salientar que a atuação dos docentes é o principal veículo para que a quebra da barreira entre o sexo e a capacidade profissional aconteça, visto que, por meio dos resultados da pesquisa é possível perceber que a prática da sala de aula dos professores foi uma das causas

que fizeram com que os familiares e os colegas de trabalho reformulassem a visão historicamente construída sobre esses docentes.

Entende-se, assim, que é necessário ponderar sobre a presença do professor na educação infantil, visando a construção de instituições mais diversificadas e equitativas, para que a escola não seja um meio suscetível à intolerância e preconceito devido ao gênero.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Juliana Nascimento de; DIAS, Alfrancio Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla de Nascimento. Play at child education: problematizing gender relations in school. **Educação UFSM**, v. 44, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. trad. Sérgio Milliet, v. 3, 1980.

BRASIL. Departamento de Política da Educação Fundamental; Brasil. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Conhecimento de mundo**. MEC/SEF, 1998.

CALILE, Otávio. A homossexualidade e as Representações Sociais: uma revisão de literatura: uma revisão de literatura. **Bagoas-Estudos gays:** gêneros e sexualidades, v. 13, n. 20, 2019.

CAMERON, Claire; MOSS, Peter; OWEN, Charlie. Men in the nursery: Gender and caring work. **Men in the Nursery**, p. 1-200, 1999.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Artmed, 2006.

DIDONET, Vital. Educação infantil: a creche, um bom começo. **Em Aberto**, v. 18, n. 73, 2001.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; GIMENEZ, Roberto; MARTINS, Ida Carneiro. O cuidar e o educar realizado por professores homens na educação infantil: desafios de um cenário feminilizado. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 91-106, 27 maio 2022.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro. Docência masculina na educação infantil: será esse um espaço somente de mulheres? **Dialogia**, *[S. l.]*, n. 43, p. e23762, 2023.

GATTI, B. A., A pesquisa em Educação e o campo da formação de educadores: diálogos com Marli André. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, Belo Horizonte, V. 13, n. 28 (p. 47-56) 31 dez. 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

GONÇALVES, Josiane Peres; FERREIRA, Verônica Caroline de Matos; CAPRISTO, Zenaide Ribeiro Neto Capristo. Professores homens desempenham as mesmas funções que as professoras na Educação Infantil? Olhares dos gestores escolares. **Educação em Foco**, v. 21, n. 34, p. 125-145, maio/ago. 2018.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005

MACHADO, Anderson Esteves; GONÇALVES, Josiane Peres. Professor homem na Educação Infantil: a orientação sexual influencia o trabalho docente? **Comunicações**, v. 29, n. 1, p. 89-112, 2022.

MINAYO, Maria Cecilia. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.3, mar.2012, p.621-626.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Vinicius Expedito Mena de; FINCO, Daniela. "Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil": um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 580-604, 2020.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares; FERNANDES, Isabela Signorelli. Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des) encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 605-631, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia. Organizações multilaterais, estado e políticas de educação infantil: history repeats. **Cadernos de pesquisa**, p. 25-63, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth IB. **O poder do macho**. São Paulo. Moderna, p. 15, 1987.

SANTOS, Vinicius Sales Santos; BUSS-SIMÃO, Marcia; RAMOS, Joaquim. Usos e abusos do conceito de gênero nas publicações recentes sobre homens na educação infantil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 9, n. 20, p. 53-73, 27 maio 2022.

SCOTT, Joan Wallach; BOURDÉ, Maria; PRATT, Colette. **O cidadão paradoxal, as feministas francesas e os direitos humanos**. 1998.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**, p. 17-39, 2010.

SILVEIRA, Leonardo Souza; SIQUEIRA, Natália Leão. Segregação ocupacional e diferenciais de renda por gênero e raça no Brasil: uma análise de grupos etários. **Revista Brasileira de estudos de população**, v. 38, p. e0151, 2021.

VALLS, Álvaro LM. **O que é ética**. Brasiliense, 2017.

VASCONCELOS, Dalila Castelliano; CAVALCANTI, Larissa Kelly Vasconcelos; NASCIMENTO, Lívia Chaves; SOUZA, Maria Natânyele Silva. Educadores Homens na Educação Infantil: revisão sistemática da produção mundial de artigos empíricos. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 9, n. 20, p. 8-28, 27 maio 2022.

ZANETTE, Jaime Eduardo; DAL'IGNA, Maria Cláudia. "Ser homem" e" ser pedagogo": relações de gênero nos caminhos da profissionalização. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 20, n. 43, 2018.